

**MICHAEL SETH STARR**

# RINGO

A HISTÓRIA DO BATERISTA MAIS FAMOSO  
DO MUNDO ANTES E DEPOIS DOS BEATLES



Planeta

*Tradução*

Laura Folgueira

 Planeta

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1 O PEQUENO RICHY.....	13
2 "ESTAVA EM MINHA ALMA".....	31
3 "RINGO STARRTIME" .....	47
4 "RINGO ERA O MELHOR BEATLE" .....	70
5 "RINGO É UM BOM BEATLE".....	86
6 BEATLEMANIA.....	100
7 "FOI INSANO... MAS FOI INCRÍVEL" .....	136
8 "ELE É COMO UM COMEDIANTE SILENCIOSO" .....	161
9 "EU SOU O CAÇULA" .....	185
10 TEMPESTADE .....	210
11 "ÀS VEZES, SINTO QUE NÃO QUERIA MAIS SER FAMOSO" ..	239
12 "NÃO É FÁCIL" .....	281
13 "MELHOR VOCÊ DO QUE ALGUÉM QUE A GENTE NÃO CONHECE" ..	298

14 "ÉRAMOS DROGADOS QUE EXPERIMENTAVAM COM MÚSICA" . . .	311
15 "NÃO DÁ PARA <i>TENTAR</i> SER CASADO" . . . . .	324
16 "NÃO DÁ PRA IMPEDIR UM RAI0" . . . . .	355
17 "SAIR DA CAMA HOJE EM DIA É UM PROBLEMA" . . . . .	385
18 "PRECISAMOS DE AJUDA" . . . . .	402
19 "PAZ E AMOR" . . . . .	420
EPÍLOGO . . . . .	446
NOTAS . . . . .	456
BIBLIOGRAFIA . . . . .	475



# Introdução

Primeiro, vamos tirar esse assunto da frente para podermos seguir.

Não, Ringo e eu não somos parentes. Eu nasci com esse sobrenome. Ele, não. É só uma feliz coincidência.

Por que *não* seria feliz? Ele é o Baterista Mais Famoso do Mundo.

Este não é um livro sobre Eles. Então, não espere um relato ano a ano, fato a fato sobre a vida da banda, nem minúcias relativas a sessões de gravação etc. Tudo isso já foi documentado exaustivamente em outros lugares.

Eles, é claro, “são grandes influências na lenda” que é Ringo, para roubar uma fala de George Harrison em referência ao baterista de sua banda em *Os reis do iê, iê, iê* [*A Hard Day's Night*, Richard Lester, 1964]. Este livro provavelmente não existiria se John Lennon, Paul McCartney e Harrison não tivessem demitido Pete Best em agosto de 1962 e convidado Ringo Starr para se juntar à banda deles, The Beatles.

Ninguém sabe como teria sido a vida de Ringo Starr se ele tivesse dito “Não, obrigado” aos senhores Lennon, McCartney e Harrison, e mantido a lealdade à banda Rory Storm and the Hurricanes, junto da qual ele passara os quatro anos anteriores golpeando sua bateria.

Ringo provavelmente teria continuado a fazer seu “Starrtime” no meio do *set* com Rory Storm and the Hurricanes, cantando “Boys” com sua voz de barítono fora de tom e anasalada, deleitando-se com a adulação dos fãs de sua cidade natal. Talvez saísse uma foto dele, e de repente até uma ou duas menções, no *Liverpool Echo* ou na revista *Mersey Beat*.

Depois, como tantas atrações musicais adoradas daquela era relegadas a recortes de jornal amarelados, ele provavelmente teria sido varrido para a lata de lixo da história – assistindo, boquiaberto e com inveja, aos Beatles (com um baterista que não se chamaria Pete Best) conquistarem o mundo dentro de um ano.

Entretanto, ele não disse “Não, obrigado”. E é por isso que este livro existe.

“Eu estou aqui porque aconteceu”, disse Ringo certa vez, vários anos depois de os Beatles serem, bem, os Beatles. “Mas eu não fiz nada para que acontecesse, fora dizer ‘sim’.”

A clássica discrição de Ringo. Ele já era considerado o melhor baterista de Liverpool – na verdade, de todo o norte da Inglaterra – quando John, Paul e George lhe ofereceram a vaga. Ele quase não aceitou – havia outra banda local querendo seus serviços –, mas os Beatles estavam oferecendo mais dinheiro. Era a escolha óbvia.

Portanto, Ringo Starr disse sim, e os Beatles definiram a vida dele, para o bem ou para o mal, durante os últimos 53 anos. Ele era o Beatle mais velho em idade, mas foi o último a se juntar ao grupo, e a viagem durou apenas oito curtos anos, apesar de parecer, no retrovisor da história, uma vida inteira.

Mas os Beatles deixaram Ringo Starr mais rico do que seus sonhos mais loucos, e o catapultaram ao firmamento de ícones de um nome só, ao lado de Marilyn, Cher, Madonna, Frank, Elvis etc.

Então, sim, John, Paul e George, junto com outras pessoas próximas dos Beatles (Neil Aspinall, Mal Evans, George Martin, Brian Epstein e outros), aparecem muito na história da vida de Ringo Starr de 1962 a 1970, quando tudo começou com muita leveza e esperança – e terminou com muito ressentimento e muita acusação.

Mas meu objetivo ao escrever *Ringo* é guiar o leitor por todo o arco narrativo da vida de Ringo Starr, desde seu nascimento como Richard Starkey em Liverpool até os dias atuais – e todos os marcos importantes e notáveis pelo caminho.

John, Paul e George, como você verá, não desapareceram da vida de Ringo Starr depois que os Beatles se separaram. Como ele, todos investiram em carreiras solo, com graus variados de sucesso, e seguiram suas vidas. Cada um foi para um caminho muito diverso do outro, mas continuaram entrando e saindo da órbita de Ringo, e ele, da deles.

Paul McCartney ainda aparece na vida de Ringo; se estivessem vivos, John e George provavelmente também apareceriam. Afinal, o

bom e velho “Ringo” sempre fazia o papel de amável conciliador. Seus “irmãos” nunca deixaram de amá-lo, nem ele de amá-los. Portanto, você lerá sobre John, Paul e George de vez em quando na narrativa da vida de Ringo depois de 1970.

Mas também lerá sobre muito mais, começando com a infância permeada por doenças de Richy Starkey em Dingle, uma das áreas mais difíceis de Liverpool, onde ele foi criado por uma mãe solteira que tinha vários empregos para manter um teto sobre a cabeça de seu amado filho e comida na mesa. (E, sim, ele grafava “Richy”, sem o “e”.)

Você também lerá sobre a emergência de Richy como baterista local renomado, enquanto trabalhava como marceneiro aprendiz, e a influência de Rory Storm, também natural de Liverpool, no início de sua carreira. Saberá ainda sobre os anos depois do fim dos Beatles, quando Ringo começou forte, vendendo bem como artista solo – o que acabou levando à dissolução de seu casamento com Maureen Cox, de sua cidade natal, mãe de seus três filhos.

Uma vez solto na imensidão – uma celebridade à deriva no mar, buscando algum sentido para sua vida –, Ringo teve dificuldade de encontrar seu caminho. Houve duas décadas cheias de bebidas e viagens internacionais curtindo com Harry Jilsson, Keith Moon e outros; uma carreira de músico e esporadicamente de ator e, por fim, a queda inevitável no alcoolismo.

Lerá sobre os eventuais triunfos de Ringo Starr, impulsionados pelo casamento com Barbara Bach, sobre o período salvador do casal na reabilitação e o renascimento de Ringo, limpo, como estrela de programa infantil e líder respeitado do rock – deleitando uma geração de crianças como o personagem Mr. Conductor em *Shining Time Station*, série para crianças baseada nas histórias de *Thomas e Seus Amigos*; em turnê com a All-Starr Band, um grupo para agradar famílias; arrecadando dinheiro para instituições de caridade; escrevendo livros e vendendo vários produtos.

E, sim, ainda respondendo (contrariado) a perguntas infundas sobre os Beatles.

O que você não encontrará em *Ringo* são julgamentos deste autor sobre as habilidades técnicas de Ringo como baterista em relação

aos outros Beatles. Essa é uma daquelas discussões intermináveis entre fãs que funciona melhor em bares e na internet. Poderia ser um livro em si, e talvez um dia seja. Não sou músico – toquei bateria, mal, por um período da minha adolescência –, mas, para deixar registrado, acho a batida alta, rítmica e constante de Ringo e seu estilo discreto perfeitamente adequados aos Beatles e ao som da banda.

E vamos falar a verdade: não se pode mudar a história. É a bateria de Ringo Starr que se ouve em todos os sucessos imortais do grupo, de seu *single* Número 1 (“Please Please Me”) até seu último sucesso em primeiro lugar nas paradas (“The Long and Winding Road”) e quase tudo no meio. Isso fala por si só. É hora de superar essa discussão.

Nas páginas a seguir, destaquei algumas ocasiões em que a forma de Ringo tocar bateria foi criticada – e até algumas em que o próprio Ringo mencionou as críticas. Então, elas não podem ser inteiramente ignoradas. Elas existem. Mas também incluí na narrativa do livro seções em que as habilidades dele como baterista foram elogiadas – em um caso, por D. J. Fontana, baterista de Elvis Presley que trabalhou com Ringo em Memphis em meados dos anos 1980, nas malfadadas gravações com o produtor Chips Moman. “Ele tinha a maior noção de ritmo que já ouvi na vida”, disse Fontana.

Não acho que ninguém que viveu a Beatlemania poderia duvidar da influência de Ringo no mundo dos bateristas de rock and roll, especialmente para crianças norte-americanas vendo a banda pela primeira vez no *The Ed Sullivan Show* em fevereiro de 1964.

Questiono, porém, por que alguns fãs de música focam tanto nas habilidades de Ringo como mantedor de tempo dos Beatles e nunca parecem debater os méritos de George Harrison como guitarrista principal ou as capacidades de John Lennon como guitarrista rítmico. (O baixo de Paul McCartney é impecável. Acho que todos concordam com isso.)

“Mais do que qualquer outro baterista, Ringo Starr mudou minha vida”, escreveu Max Weinberg, baterista de longa data da E Street Band, de Bruce Springsteen – e dos programas *Late Night* e *The Tonight Show*, de Conan O’Brien, na NBC –, em seu livro de

1984, *The Big Beat* [*A grande batida*, em tradução livre]. “A batida de Ringo era ouvida no mundo todo, e ele trouxe a bateria de rock para o centro do palco. Desde a pegada combinada até o uso pioneiro do tom-tom, a influência dele na forma de tocar bateria no rock foi tão importante e ampla quanto a de Gene Krupa no jazz.”

(Weinberg é um dos quatro bateristas – junto a Phil Collins, Kenny Aronoff e John Densmore – que comentam sobre a forma de Ringo tocar no epílogo deste livro.)

Uma biografia não se escreve magicamente. É uma combinação de pesquisa, entrevistas e investigações que não dão em nada, investigações que trazem grandes recompensas e muita, muita gente que ajuda, de uma forma ou de outra, nessa estrada longa e tortuosa (perdão pelo trocadilho com “The Long and Winding Road”, mas vem a calhar).

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas por me ajudarem enquanto eu trabalhava neste livro. Algumas concordaram em dar entrevista sobre Ringo Starr e outras só me ouviram reclamar. Muito.

John Cerullo, Bernadette Malavarca e Wes Seeley, da editora Hal Leonard (Backbeat Books), pela paciência e por acreditarem neste projeto; Keith Allison; Kenny Aronoff; Randy Bachman; Tony Barrow; David Bedford, por sua hospitalidade e por me apresentar Liverpool, além de todo seu conhecimento sobre tudo ligado aos Beatles; Peter Brown; Clem Cattini; Ray Connolly; Joe Connolly; Phil Collins; Robert Coulthard; Mick Coyle, da Liverpool Talk Radio Station 105.9; Marilyn Crescenzo; John Densmore; Ken Ehrlich; David Essex; Mark Farner; Julie Farin (“Lady Macca”); David Fishof; Simon Flavin; Carl Gottlieb; Doug Hoefler; Lawrence Hollis; Dr. John; Catherine Jones do *Liverpool Echo*; Harold Jones; Larry Kane; Sarah Kestelman; Ian La Frenais; Stephanie La Motta; Sam Leach; Ken Mansfield; Jeff Margolis; Steve Marinucci; Chris O’Dell; Sean O’Mahony; Terry O’Neill; Dave Patterson, por compartilhar suas memórias de infância sobre Richy Starkey e Marius Penczner; John Romain; Dora Rotondella; Reba Russell; Keith Seppanen;



John Scheinfeld; Sam Shoup; Rick Siggelkow; Barry Sinkow; Phyllis Smith; Doreen Speight; Sean Styles, da BBC Radio Merseyside, por me receber duas vezes em seu programa para falar sobre o livro; Seth Swirsky; o falecido Sir John Tavener; Isaac Tigrett; Larry Turman; Tim Van Rellim; Enid Williams; Trina Yannicos.

Por fim, mas não menos importante, um grande agradecimento à minha filha, Rachel, e especialmente à minha esposa, Gail, por sua paciência e compreensão enquanto eu trabalhava neste livro. Amo muito as duas.

Qualquer biógrafo cujo biografado ainda esteja vivo e saudável precisa, de acordo com a lei, abordar a pessoa e avisá-la de que está escrevendo um livro sobre ela. Comigo, não foi diferente.

Pouco depois de assinar o contrato para escrever este livro, na primavera de 2012, procurei a assessora de imprensa de Ringo Starr para avisá-la de minhas intenções. Ela, por sua vez, me informou de que tudo o que tinha a ver com Ringo precisava passar pelo advogado dele em Los Angeles. Justo. Enviei diversos e-mails ao advogado, informando-o sobre meu livro e perguntando se Ringo estaria disponível para uma entrevista sobre sua vida e sua carreira. Nunca recebi nada de volta.

Então, em setembro de 2012, finalmente consegui minha resposta, quando Ringo postou a seguinte mensagem em sua página de Facebook e em seu site: [ringostarr.com](http://ringostarr.com):

Há uma biografia não autorizada sendo escrita por Michael Starr e eu gostaria que meus amigos e fãs soubessem que ela não tem nada a ver comigo. Não estou participando disso.

Paz e amor,  
Ringo

Esta é a história dele.

## O pequeno Richy

A extraordinária história do Baterista Mais Famoso do Mundo começa de forma bastante comum, em julho de 1940.

O clima naquele mês estava quente além do normal no norte da Inglaterra, proporcionando um bem-vindo descanso dos tambores de guerra que soavam alto enquanto o país se preparava para a inevitável batalha com a Alemanha. Até aquele momento, porém, não havia sinal dos aviões da Luftwaffe de Hermann Göring. No fim de agosto, eles sobrevoariam o rio Mersey em ataques de bomba noturnos, causando mortes horríveis e destruição no que ficou conhecido como “The Liverpool Blitz”.

No fim da guerra, em 1945, quase 4 mil habitantes da cidade figurariam entre os mortos pelas bombas de Hitler. O local, a 25 quilômetros de Wales e um importante alvo nazista – seus portos eram vitais para o esforço naval britânico no que dizia respeito a suprimentos –, era dono de uma distinção triste: exceto por Londres, tinha o maior número de vítimas e devastações arquitetônicas de todas as cidades britânicas.

No entanto, tudo estava relativamente calmo na Madryn Street, 9, em Liverpool 8, exceto pelo choro de Richard Starkey, que chegou ao mundo gritando e esperneando, com os olhos bem abertos, pouco depois da meia-noite de 7 de julho de 1940, uma semana depois do esperado.

O bebê, que pesava saudáveis 4,5 quilos, nasceu em casa, não no hospital – ocorrência nada incomum em Dingle, distrito

operário onde Richard e Elsie Starkey conceberam seu primeiro e único filho. Era obviamente mais barato ter o bebê em casa; uma hospitalização, mesmo curta, agravaria ainda mais a condição financeira precária da família.

Richard Starkey era padeiro especializado em bolos, profissão que lhe rendia dinheiro suficiente apenas para botar comida na mesa. Elsie Gleave tinha conhecido e se apaixonado por Richard na Cooper's Bakery, em Liverpool, quando os dois trabalhavam lá. Ela agora ganhava um dinheiro extra como doméstica, limpando a casa de outras pessoas, além de trabalhar como garçonete.

Richard e Elsie se casaram em 1936 e viviam uma vida não muito diferente da de seus vizinhos em Dingle, bairro que Ringo Starr mais tarde descreveria como monótono e sombrio. O distrito, localizado no sul de Liverpool, ficava próximo das docas, sempre cheias de marinheiros impulsivos e operários que carregavam e descarregavam navios de suprimentos.

Dingle tinha a miserável reputação de ser uma das áreas mais perigosas de Liverpool. Mas essa reputação camuflava a realidade; apesar do que diziam, todo mundo se conhecia – “Era como uma aldeia”, lembra um amigo da família Starkey – e todo mundo cuidava dos amigos e da família. Não era difícil, já que as casas geminadas praticamente se empilhavam umas sobre as outras, vizinho sobre vizinho. Privacidade era um luxo escasso.

A casa 9 da Madryn Street era típica de sua época, com o térreo consistindo de um cômodo na frente, que a maioria das pessoas (incluindo os Starkey) usava como sala de visitas, e uma minúscula cozinha. No andar de cima, três quartos pequenos. Havia encanamento e esgoto, até certo ponto; a casa só recebia água encanada fria e não havia banheira. A higiene era feita no que os habitantes de Liverpool chamavam de “banho de tina”, que é o que parece: uma tina cheia de água fervida no fogão a gás.

“Sua mãe fervia água na caldeira e jogava na tina, e uma vez por semana você tomava banho”, lembrou Dave Patterson, que se tornaria um dos melhores amigos do jovem Richard Starkey.<sup>1</sup> O banheiro, localizado do lado de fora, no minúsculo quintal, era uma estrutura de

madeira com quatro paredes finas e um buraco dentro. Uma porta frágil garantia um pouquinho de privacidade, algo muito valorizado. A estrutura não tinha calefação, o que não era nada divertido nos congelantes invernos ingleses. Papel higiênico, ou a falta dele, era um problema frequente. “Nove entre dez vezes não havia papel”, contou Patterson. “A gente usava o jornal local, que ficava pendurado em um prego. Cortávamos em quadrados. Era muito primitivo.”<sup>2</sup>

Tanto Richard quanto Elsie Starkey eram nativos de Liverpool, embora Richard, nascido em 1913, tenha recebido seu sobrenome por vias burocráticas e não sanguíneas. Seu pai, o avô de Ringo Starr, nascera John Park, mas mudara seu nome legalmente para John Starkey depois de sua mãe se casar com um homem com esse sobrenome. Era um fato familiar que Ringo Starr só descobriu quando fez genealogia da família nos anos 1960 – e ficou sabendo a verdade sobre a história que seus parentes queriam manter em segredo da imprensa enxerida.

Elsie nasceu Elizabeth Gleave, em 1914, em uma família muito grande, sendo uma entre catorze irmãos. Ela estava satisfeita em ter apenas um filho, especialmente com um orçamento tão moderado em Dingle.

Todo mundo chamava o novo bebê de Richy. Ele tinha grandes olhos azuis, ternos, e o nariz do pai, mais tarde notoriamente imortalizado pelo avô “limpo” de Paul (Wilfrid Brambell) em *A Hard Day's Night* como “a napa gigante” do Ringo. Richy era um bebê tranquilo e Elsie o adorava. Richard, por sua vez, era um pai ausente na maior parte do tempo. O casamento tinha problemas e, conforme as discussões entre Richard e Elsie se tornavam mais frequentes, aumentavam também as ausências do pai.

Ele ficava tempo suficiente na casa da Madryn Street para os vizinhos começarem a se referir a pai e filho como “Richy grande” e “Richy pequeno”. Mas na época em que Richy fez três anos, seu pai se cansou e, em 1943, abandonou Elsie e o filho. Ele quase não teria contato com nenhum dos dois pelo resto da vida.

Ringo depois diria não ter memórias tangíveis do pai e que acabara jungando mal Sr. Richard por ter sofrido “lavagem cerebral” com as histórias de Elsie sobre o ex-marido.

Mas Richard Starkey ter abandonado a família também teve uma espécie de lado bom. Seus pais, os avós do pequeno Richy Starkey, moravam a apenas algumas casas de distância, na Madryn Street, 59, com seu cachorro, Blackie, e a tia de Richy, Annie. John Starkey adotou seu neto de coração aberto, ajudando Elsie quando possível, talvez por sentir culpa pelo comportamento do filho.

Mas família era família, e os avós Starkey amavam seu pequeno Richy. Elsie aceitou de bom grado o apoio, e não guardou ressentimento de seus sogros. O pequeno Richy passava muito tempo na Madryn, 59 – o que era estranho, achava ele, já que eles eram seus avós paternos (cujo pai tinha abandonado esposa e filho pequeno). Ele guardava um lugar especial para eles em seu coração.

John Starkey amava apostar em cavalos, ou “pocotós”, como os chamava. Ringo Starr se lembraria com carinho da cadeira favorita de seu avô, em que ele se sentou durante toda a guerra, mesmo enquanto as bombas caíam na Madryn. Aquela cadeira era a única coisa que Richy queria, numa idade tão tenra. A avó Annie, por sua vez, era uma mulher grande, bem maior que o marido, e mimava o neto.

Ringo lembra que quando ficava doente, sua mãe o embrulhava em um cobertor e levava para a vovó Starkey – cujas curas para qualquer doença eram cataplasma de pão e chocolate quente. Richy gostava da atenção e de todo mundo cuidando dele. Havia primos Starkey morando em Liverpool, mas Elsie e o pequeno Richy não interagiam muito com esse lado da família.

A mãe de Elsie, que Richy chamava de “avó Gleave”, morava sozinha em outra parte de Liverpool. Ela tinha um amigo chamado senhor Lester, que ia à sua casa tocar gaita para ela – arrancando um aceno de cabeça maroto e uma piscadela de parentes que sabiam o que ele realmente queria. Mas a avó Gleave se recusava a casar com o senhor Lester, que acabou se casando com outra mulher.

A saída de Richard Starkey da Madryn Street, e da vida de Elsie e Richy, significava um salário a menos no orçamento semanal, e Elsie acabou se vendo com dificuldade para pagar o aluguel. “Eu mal conseguia dar conta”, disse ela. “Havia muito trabalho a fazer nos

bares, com a guerra.”<sup>3</sup> (A maioria das casas em Dingle eram alugadas; era raro encontrar uma família proprietária.) Além disso, com apenas duas pessoas na casa, Elsie não precisava mais de três quartos e não queria receber pensionistas. Mudar para uma casa menor se tornou prioridade.

“Meu pai meio que decidiu ir embora quando eu tinha três anos, então éramos só eu e minha mãe”, contou Ringo. “Tinha seis cômodos, era muito grande e o aluguel era caro.” Quanto a Elsie, declarou ele, “ela fazia tudo. Lavava escadas. Era garçonete. Trabalhava num supermercado. Ela tinha que se sustentar”.<sup>4</sup>

O dilema foi resolvido pouco depois. Elsie tinha ficado muito amiga de Muriel Patterson, casada com Jack Patterson e que morava a algumas quadras, na Admiral Grove, próximo ao *Empress Pub* (que Ringo Starr mais tarde imortalizaria na capa de seu álbum de 1970, *Sentimental Journey*).

A casa dos Patterson na Admiral Grove, 10, era uma estrutura de “dois em cima e dois embaixo” (uma sala e uma cozinha no térreo, dois pequenos quartos no primeiro andar e banheiro do lado de fora). Elsie e Muriel se conheceram limpando banheiros e logo se deram bem. O filho de Muriel, Dave, era cinco meses mais velho que Richy e os dois logo também se tornaram inseparáveis – um laço fortalecido ainda mais quando Elsie e os Patterson decidiram trocar de casa.

Em 1945, Elsie e Richy, então com 5 anos, fizeram as malas e levaram o pouco que tinham para o número 10 da Admiral Grove. Os Patterson, por sua vez, se realocaram para a Madryn Street, 9. “Trocamos de casa com eles”, lembrou Dave Patterson quase setenta anos depois. “A mãe do Richy e a minha eram boas amigas, então trocamos de casa porque éramos cinco pessoas vivendo em dois quartos e eles eram duas vivendo em três.”<sup>5</sup>

“Mudamos para uma casa ótima”, contou Ringo, “que tinha sido condenada dez anos antes de a gente chegar!”<sup>6</sup>

Dave Patterson se lembra de Dingle como um bairro “razoavelmente perigoso”. “A guerra já tinha acabado e não havia muito a fazer”, disse ele. “Estava todo mundo no mesmo barco, na verdade. Ninguém naquele bairro era rico. O primeiro carro da nossa rua deve

ter chegado quando eu tinha doze anos. O primeiro dono de carro era um cara chamado senhor Kraft, que era construtor e por isso tinha uma van. Se visse um táxi vindo pela rua, você estava com sorte. Era esse tipo de bairro.”<sup>7</sup>

Durante os sete anos seguintes, Dave e Richy iam andando juntos para a escola quase todos os dias, e Dave sentava ao lado de seu melhor amigo na sala. Mas foi Elsie quem levou Richy para a St. Silas Primary, perto de casa, na Pengwern Street, em seu primeiríssimo dia de escola.

Anos depois, Ringo Starr não conseguia dizer se realmente lembrava de seu primeiro dia – ou se só lembrava das histórias contadas por Elsie sobre caminhar com ele até o portão do que parecia, ao menino, um prédio enorme, com crianças correndo pelo pátio. Os alunos da St. Silas que moravam perto da escola tinham permissão para almoçar em casa, e Richy logo entrou em uma rotina, o que ajudava a acalmar sua ansiedade.

A primeira professora de Ringo Starr, Enid Williams, ainda se lembrava de Richy Starkey quase setenta anos depois (embora a fama dele possa ter sido em grande parte responsável por colorir os detalhes dessas lembranças). É discutível, e altamente improvável, que Enid Williams tenha acendido a fagulha interna do baterista Richy Starkey. Mas, aos 92 anos, ela ainda tinha uma lembrança vívida e nítida de seu pUPILO do jardim da infância. “Acho que dei a primeira bateria dele”, contou ela. “A gente tinha uma coisa chamada banda de percussão, e as crianças tocavam coisas tipo triângulo e sino e, quando alguém tinha uma boa noção de ritmo, eu dava a primeira bateria. Ele devia ter só uns cinco anos na época.”<sup>8</sup>

“Ele era muito quieto e bem delicado”, lembrou. “Era filho único e muito mimado. Faltava muito na escola [...] tinha muitos resfriados e coisas assim. Lembro que havia primos, uma família bem grande. Lembro melhor de Ronnie e Maureen, que eram sempre bonzinhos e alegres. Eram saudáveis, sabe, tinham bochechas rosadas e faces redondas.”

A estadia de Richy na St. Silas foi interrompida abruptamente um ano depois de ele sentir o que descreveu mais tarde como “uma

pontada horrível de dor” que deixou o garoto de seis anos e meio suando, tremendo e muito assustado. Seu apêndice tinha rompido, e sua família, preocupada, se uniu e tentou confortá-lo. Ele foi levado ao hospital pediátrico Royal Children’s Infirmary, também conhecido como Myrtle Street Children’s Hospital, onde foi diagnosticado com peritonite e levado às pressas para a sala cirúrgica, a fim de ter seu apêndice removido (ele se lembra de pedir uma xícara de chá antes de ser anestesiado). Os médicos disseram a Elsie que Richy talvez não sobrevivesse. A cirurgia, hoje considerada de rotina, era muito mais complicada e arriscada em 1947.

Os cirurgiões repetiram três vezes a ela que seu filho talvez não sobrevivesse à noite. Mas, de manhã, Richy estava vivo. Não seria uma recuperação fácil. Ele mal conseguia permanecer consciente e esteve praticamente em coma por dez semanas. Teve sorte de sobreviver – e sabia disso.

Elsie e os avôs John e Annie visitavam Richy quando podiam, mas foi um período longo, chato e tedioso para o garoto, e teve suas complicações médicas.

Inicialmente, sua condição era séria o suficiente para suscitar uma visita surpresa ao hospital por parte de seu pai afastado, que estava fora da vida do filho há mais de três anos. Sr. Richard entrou no quarto de Richy com um caderno e perguntou o que ele queria de aniversário, dali a alguns dias. Anotou algo, mas nunca comprou nada para o filho. Depois disso, Sr. Richard Starkey fez visitas muito esporádicas.

“Lembro [de Richard] voltando para Liverpool e Richy batendo na minha porta e perguntando: ‘Quer ir ver meu pai?’”, contou Dave Patterson. “Era uma manhã de domingo e o pai dele era confeitiro – fazia bolos e doces – e lembro que ele estava fazendo doces na pequena cozinha da avó do Richy e deu um chocolate para cada um de nós. Era um agrado porque naqueles dias era muito raro ganhar chocolates, sabe, depois da guerra. Isso foi quando tínhamos provavelmente uns 6 anos.”<sup>9</sup>

Durante sua longa estadia hospitalar, Richy conheceu muito bem as equipes médica e de enfermagem, além dos outros pacientes. Deitado em sua maca por longos períodos, e matando o tempo



como podia, ele ficou perito em pegar pequenos objetos – como moedas – com os pés. Os médicos de Richy estavam confiantes de que ele logo receberia alta, mas o plano foi frustrado quando Richy se debruçou para mostrar seu novo ônibus de brinquedo para outro paciente e caiu da cama, abrindo os pontos e a ferida. Ele passou mais seis meses no hospital antes de finalmente receber alta e ser mandado de volta para a Admiral Grove, 10. Estava longe de casa há quase um ano.

Era ótimo estar em casa, mas todo esse tempo longe da St. Silas Primary significava que Richy, que fizera 7 anos no hospital, tinha muito trabalho escolar atrasado. Não seria fácil. Apesar de estar em casa agora, precisaria de mais tempo para se recuperar, e demorou outros doze meses para voltar à St. Silas. Tendo perdido dois anos escolares inteiros, ele não sabia ler e estava atrasado em todas as outras matérias, incluindo matemática.

“Acho que foi depois disso que eu comecei a odiar mesmo”, declarou sobre a escola. “Eu sabia que não gostava antes de ir para o hospital, mas depois, porque... Você nunca alcança a matéria, sabe. Não tinha uma professora para cuidar especialmente de mim. E você precisa tentar chegar lá. Eu sempre achei isso muito difícil. Então, era mais fácil não ir.”<sup>10</sup>

Elsie, por sua vez, estava determinada a ajudar Richy a recuperar o tempo perdido, mas tinha que trabalhar todos os dias e não tinha tempo de monitorar o filho. Mas sua amiga Annie Maguire tinha uma filha, Marie, quatro anos mais velha que Richy. Os Maguire tinham sido vizinhos de frente dos Starkey na Madryn, e fora Annie Maguire quem passara a noite com Elsie no hospital dois anos antes quando Richy estava perto da morte – apesar de o marido da própria Annie ter morrido mais cedo naquele mesmo dia.<sup>11</sup>

Marie frequentemente ficava de babá de Richy, às vezes levando-o ao cinema e muitas vezes pegando o menino, já dormindo, na casa dos avôs. “Ele era tão parte da nossa família que as pessoas costumavam bater na nossa porta e dizer: ‘O seu Richy está fazendo isso e aquilo’”, contou Marie a Hunter Davies, biógrafo dos Beatles. “Quando ele fazia refeições com a gente e estávamos comendo

ensopado, eu tinha que catar as cebolas para ele. Ele odeia cebola e eu sempre o xingava.”<sup>12</sup>

Marie foi incumbida por Elsie para ensinar Richy, então com nove anos, a ler, tarefa na qual ela teve sucesso. “Comecei a ensiná-lo a ler e escrever quando ele saiu do hospital. Ele não era burro”, disse ela. “Só tinha perdido muita coisa. Tivemos que nos organizar direito. Eu dava aulas para ele duas vezes por semana e, em troca, sua mãe me dava uma mesada. Comprei o livro *Chambers Primary Readers* e ficávamos na mesa da cozinha lendo.”<sup>13</sup>

Ringo Starr lembrava-se de Marie usando um livro chamado *Dobbin the Horse* [Dobbin, o cavalo] para ensiná-lo a ler. Ele sempre teve dificuldade de soletrar e soletrava as palavras foneticamente.

Finalmente recuperado do apêndice rompido e de todo o trauma que se seguiu (tanto físico quanto emocional), Richy voltou a St. Silas, onde recebeu de algumas crianças o apelido de “Lázaro”, por ter voltado dos mortos.<sup>14</sup> Ele era mais baixo que a maioria de seus colegas, mas era musculoso e corajoso, e não deixava os meninos maiores o intimidarem. Também já estava desenvolvendo a inteligência brilhante que o definiria como um Beagle; isso muitas vezes o ajudava a fazer amigos e a ser razoavelmente popular entre seus colegas de classe.

Naqueles dias, não havia como recuperar o tempo perdido na escola, e Richy estava quase sempre um ano atrasado. Ele usava seu senso de humor como escudo e sempre tentava fazer amizade com o maior aluno da classe, que o protegeria. Seu desgosto pela escola aumentou, e era mais simples cabular aulas e andar no parque com alguns amigos. Eles redigiam bilhetes de “dispensa” – mas sempre eram pegos, porque nenhum deles sabia escrever direito.

“Sempre estávamos competindo um com o outro: quem era o mais alto, quem ficava mais moreno no verão, quem era o mais esperto, coisas assim”, lembrou Dave Patterson. “Tínhamos uma rivalidade amigável. Ele não era uma criança frágil, nem um pouco, na verdade. Só não era o tipo esportista. Eu era mais esportista. Jogava basquete e futebol e coisas assim. Richy não jogava nada. Mas ele era um carinha bem durão. Não aceitava tolices. Não era nenhum maricas.”<sup>15</sup>

Richy, Dave Patterson e outro amigo, Brian Briscoe (um ano mais jovem e que morava lá perto), formavam a “Gangue da Mão Preta” e a “Gangue da Caveira”, e faziam o mesmo que todos os garotos da idade deles – zanzavam por aí, iam ao cinema, passeavam no parque em Speke (a cerca de 12 quilômetros) e andavam de bicicleta, às vezes pedalando até Wales e voltando (uma viagem de 55 quilômetros ida e volta).

Ringo se lembrava de ter ficado tão dolorido depois dessa viagem que perdeu o interesse pela bicicleta. Eles se juntaram aos grupos “Garotos de Briga”, “Brigada de Garotos” e “Brigada do Mar”, e até ao coro da igreja, “porque era pago”, lembrou Dave Patterson. “Saíamos do cinema e éramos caubóis ou índios ou o Zorro com nossas espadas e várias coisas. Cavalgávamos nos nossos ‘cavalos’. [...] É claro que não tínhamos cavalos, mas fazíamos de conta. Geralmente, fazíamos a mesma coisa que as outras crianças. Fomos ver juntos o primeiro filme em 3D. Acho que era *Abbott e Costello* e era preciso usar os óculos, com um lado azul e outro vermelho.”<sup>16</sup>

Richy se interessou profundamente por Gene Autry, especialmente depois de ouvir sua versão para “South of the Border” – sua primeira lembrança musical. Ele lembrou que ouvir Autry cantar a música lhe dava calafrios. Autry continuaria sendo um dos maiores heróis de Ringo Starr.

À noite, eles corriam para casa para ouvir seu programa de rádio favorito na BBC, chamado *Dick Barton: Special Agent*, que era transmitido de segunda a sexta às 18h45 e contava as proezas do ex-soldado de assalto Dick Barton, que resolvia crimes e salvava a Inglaterra de desastres com a ajuda de seus fiéis parceiros Jock Anderson e Snowy White. A televisão ainda não tinha se infiltrado em Liverpool mas, de todo modo, ninguém teria dinheiro para comprar um aparelho de TV. (Patterson lembra-se da primeira experiência dele e de Richy com a telinha, assistindo à coroação da rainha Elizabeth em 1953 na vitrine de uma loja de eletrônicos.)

Quando não estavam andando pelos bosques nos arredores da cidade ou caminhando até Speke, os meninos brincavam nas crateras abertas por bombas na Madryn Street. “Era nosso parque de

diversões na Madryn”, disse Patterson. “Umás cinco casas foram explodidas durante a guerra. Costumávamos jogar futebol ali e tudo mais. E estávamos a uma caminhada de talvez dez minutos do parque. Mas na maioria das vezes a gente meio que brincava nos locais das bombas. Na noite de Guy Fawkes,\* em 5 de novembro, a gente fazia uma fogueira e, quando ela apagava, jogávamos batatas para assar nas cinzas.”<sup>17</sup>

Ringo Starr lembra-se com carinho dessa época com Dave Patterson e Brian Briscoe – e de como eles prometeram fazer tudo juntos. Eram detetives e caubóis, e passavam horas incontáveis brincando nas crateras de bombas, soltando a imaginação.

O avô paterno de Richy, John Starkey, virou uma espécie de cúmplice. “O avô dele era caldeireiro no estaleiro Cammell Laird [em Birkenhead, perto dali] e construiu uma locomotiva de aço grande”, lembrou Patterson. “Dava para fazer uma fogueira dentro. Tinha rodas de aço e dava para sentar nela de verdade, de tão pesada. Quase não dava pra tirar do lugar. A gente brincava muito com isso. Estava sempre no quintal.”<sup>18</sup> Richy decidiu cobrar entrada das crianças do bairro que quisessem ver a locomotiva. “Foi provavelmente o brinquedo mais fabuloso que eu tive”, disse ele.

Dave também lembrou: “Fazíamos nossos próprios *karts*, coisas assim. E depois ganhamos bicicletas. Tinha um cara que era dono de uma loja de bicicletas e fabricava umas com partes de várias outras bicicletas. A gente nunca tinha uma bicicleta de verdade, só pedaços, rodas diferentes de uma, um assento de outra”.<sup>19</sup>

As docas de Liverpool eram uma parte tão grande da vida econômica e cultural da cidade, e não era surpresa que o jovem Richy sonhasse com uma vida no mar. Ele desejava ser marinheiro mercante e lembrava das selas de camelo colocadas nos cantos das casas locais, trazidas por homens que tinham estado no mar – junto com discos e estilos de roupas diversos.

---

\* Feriado inglês que lembra o soldado católico que, em 1605, tentou matar o rei protestante Jaime I, mas foi preso e executado na Torre de Londres com seus comparsas. Assim, tornou-se tradição fazer fogueiras e jogar nelas máscaras simbolizando Fawkes, ao mesmo tempo como comemoração pela sobrevivência do rei e humilhação do soldado. [N.T.]

Quando não estava planejando sua vida como marinheiro mercante, Richy tinha ambições mais mundanas. Uma das aventuras de infância de Richy e Dave no parque envolvia um plano para capturar coelhos, só por diversão. “Ele sempre gostou de bateria”, disse Patterson. “A primeira que ele ganhou era um tom-tom de madeira da África Ocidental. E tivemos uma ideia. Tinha um lugar chamado Jerico Farm, uns campos verdes cheios de coelhos, então, ele disse: ‘Vamos pegar um saco e levar o tom-tom. Eu bato no tom-tom em uma toca e você segura o saco em cima da outra. E os coelhos vão correr para dentro do saco’. É claro que não deu certo. Mas era o tipo de coisa que a gente fazia.”<sup>20</sup>

Richy também teve a brilhante ideia, certo dia, de “pegar emprestado” algum dinheiro de Elsie e fazer bom uso dele. “Estávamos de férias, e Richy veio me ver e disse: ‘Olha, minha mãe tem uma nota de uma libra em um bule de chá de prata em cima da lareira, que está lá há mais de um mês, e acho que ela esqueceu’”, contou Dave. “Veja, naqueles dias, ninguém esquecia de uma nota de uma libra, e o aluguel era tipo seis xelins. Então, Richy falou: ‘Vamos trocar por duas notas de dez xelins, dobrar de novo e aí vamos ter dez xelins’. E dez xelins, naqueles dias, era uma pequena fortuna. Então eu, Richy e o Brian Briscoe fomos até a cidade, numa loja grande chamada Lewis’s, que tinha uma escada rolante. Nunca tínhamos visto uma escada rolante, então subimos e descemos e subimos de novo até o café no andar de cima e comemos salsichas, ovos e batatas fritas, duas vezes. Tudo isso por dez xelins.”\*

Com a barriga cheia, mas a cabeça ainda funcionando, os garotos foram até o porão da loja, onde ficava a sessão de cutelaria e instrumentos de ferro. “Tentamos comprar umas facas grandes, e a mulher não quis nos vender, mas vendeu um machado!”, lembra Dave. “E lá fomos nós ao parque com o machado tentar cortar árvores. De toda forma, naquela noite ainda tínhamos dinheiro sobrando, então escondemos embaixo do piso de linóleo na porta da frente da casa do Richy e, uma hora depois, ele bate na minha porta dizendo: ‘Minha

---

\* Na época, um xelim equivalia a 1/20 de libra. [N.T.]

mãe quer falar com você'. Ela tinha chegado em casa e visto que a nota de uma libra tinha sido trocada por notas de dez xelins. A gente se encrencou por causa disso.”<sup>21</sup>

Quando Richy Starkey se transformou no Beatle Ringo Starr, o retrato que em geral emergia de sua infância era de privação miserável e pobreza nas desagradáveis favelas de Liverpool. Mas o mito é diferente da realidade. Embora Elsie e Richy Stark estivessem longe de ser de classe média, pelos padrões de Dingle, não eram mais pobres que qualquer um de seus vizinhos. A casa na Admiral Grove, 10, era limpa e organizada e sempre havia comida na mesa. As roupas de Richy nem sempre eram de segunda mão, e não lhe faltava amor. Quanto a bens materiais, de que mais ele precisava além de uma bicicleta barata de dia e o rádio da família à noite? Ele se virava com o que tinha.

Elsie e as tias e os tios de Richy o enchiam de presentes quando podiam, às vezes na forma de doces ou um brinquedo. Richy colecionava selos e carrinhos Dinky, mas sempre acabava trocando-os por outra coisa.

“Quando criança, você não se importa”, afirmou ele sobre sua criação modesta. “É o que você conhece. Todas as mulheres da rua eram como mães para mim, se a minha não estivesse lá. Se eu caísse, elas me pegavam. Se eu tivesse tosse, elas davam xarope. Eu tive uma infância ótima, apesar de ficar um pouco doente.”<sup>22</sup>

Uma fotografia de Richy e Dave Patterson, tirada quando eles tinham cerca de 13 anos, é prova imagética de que a vida em Dingle não era tão ruim, apesar de tudo. (E também ilustra como os garotos podiam ser empreendedores.) Ambos estão vestidos de terno e gravata, com o cabelo cuidadosamente penteado.

“Ela foi tirada num lugar chamado Jerome’s, e ele era um fotógrafo de verdade”, lembra Patterson. “Pagamos nós mesmos por essa fotografia. Naqueles dias, as pessoas não tinham câmeras. Era uma sorte conhecer alguém que tinha.” Outra fotografia tirada profissionalmente no dia da formatura mostra os dois sorrindo enquanto caminham no calçadão de New Brighton. Cada um está usando um chapéu extravagante e excessivamente grande. “Pagamos por essa

foto também, provavelmente com dinheiro do coro da igreja”, contou Patterson. “Estávamos sempre criando esquemas para ganhar dinheiro. A gente fazia bazares no quintal e coisas assim... Vendíamos nossas revistas em quadrinhos e livros e tal.”<sup>23</sup>

Elsie trabalhava duro e muitas vezes em vários empregos ao mesmo tempo – limpando casas, como garçonne –, conseguindo sobreviver com dificuldade, e Richy não era uma criança negligenciada. Ele tinha amor e apoio incondicional da mãe, e tinha uma relação muito próxima com os avôs John e Annie Starkey. Richy Starkey era o típico produto de Dingle – duro, resiliente, nada reclamão. Ele “seguia em frente”, como diriam os nativos de Liverpool. Não lamentava a falta de instrução adequada e, de qualquer jeito, era um aluno mediano.

Contudo, para a maioria dos garotos e garotas em Dingle, a escola era só uma forma obrigatória por lei de gastar o tempo. A maioria podia esperar vidas muito parecidas com as de seus pais – para os garotos, sair da escola aos 15 ou 16 anos e começar a trabalhar como aprendiz, depois virando ferreiro, ajudante nas docas ou talvez na ferrovia britânica – empregos bons e confiáveis que colocariam comida na mesa da família. As garotas, em geral, saíam da escola na mesma idade, se casavam e formavam famílias. Seus futuros estavam mais cheios de previsibilidade do que de novas oportunidades animadoras. E estava tudo bem.

Se Richy Starkey se ressentia do divórcio dos pais, e da ausência de seu pai desde que ele era muito novo, não demonstrava; mesmo anos depois, pelo menos publicamente, ele minimizaria o término do casamento dos pais e evitaria criticar Richard Starkey, que se tornou mera nota de rodapé na vida do filho famoso. “Às vezes, ele queria que não fôssemos só nós dois”, relatou Elsie. “Quando estava chovendo, ele olhava pela janela e dizia: ‘Querida, queria ter irmãos e irmãs. Não tem ninguém pra conversar quando está chovendo’.”

Elsie tinha ficado solteira desde o divórcio com Richard, mas começado recentemente a sair com Harry Graves, pintor e decorador de bom caráter que viera “do Sul” (da área de Romford, em Londres) para Liverpool devido a problemas de saúde de que ele nunca

conseguia se lembrar. Eles foram apresentados pela amiga, Annie Maguire, mas Harry não era um completo estranho; ele já tinha saído com a tia viúva de Richy, Edie Starkey.<sup>24</sup>

Harry estava trabalhando em Burtonwood, uma base militar em Warrington, Cheshire, localizada cerca de 50 quilômetros fora dos limites de Liverpool. Burtonwood originalmente era uma instalação de produção na Segunda Guerra Mundial – onde os aviões da Royal Air Force eram construídos e consertados – e uma das maiores bases militares na Europa. Quando Harry chegou lá, era uma base de manutenção e suprimento para a força aérea norte-americana.

Ele amava música, especialmente as *big bands* e a vocalista de jazz norte-americana Sarah Vaughan. Era gentil, gostava de crianças e animais e rapidamente se apaixonou por Elsie. Ele se encantou com Richy, então com 11 anos. “Era impossível não gostar do Harry”, afirmou Dave Patterson. “Todo mundo gostava do Harry. Ele era muito legal. Era um homenzinho elegante. Vivia cantando ‘That Old Black Magic’. Era a música de festa dele.”<sup>25</sup>

Trabalhar em uma base militar norte-americana dava a Harry acesso a entretenimento norte-americano, incluindo quadrinhos, que ele levava para Richy quando ia visitar Elsie. Ele fazia Richy rir e amava música, paixão que tentou dividir com o menino. Harry sempre perguntava a Richy: “Você já ouviu isso?”, em referência a alguma música, o que divertia o garoto infinitamente.

“Ele era ótimo”, continuou Ringo. “Na verdade, eu quase sempre ficava do lado dele se tivesse uma discussão com a minha mãe. Achava que ela era mandona e tinha pena do Harry. Aprendi com ele a ser gentil. Nunca há necessidade de violência.”<sup>26</sup>

“Trabalhando na base americana, o Harry conseguia todos os quadrinhos clássicos, sabe, tipo *Super-Homem* e coisas assim, que na época não tínhamos na Inglaterra”, disse Dave Patterson. “Richy tinha uma mala cheia deles. Eu dormia na casa dele quando Elsie e Harry saíam para um drinque, e a gente sentava no quarto e lia todos aqueles quadrinhos dos Estados Unidos. Ele era um cara bem popular por causa das revistas.”<sup>27</sup>



A relação nova de Elsie com Harry coincidiu com a entrada de Richy, aos 11 anos, em uma nova escola, a Dingle Vale Secondary Modern. Ficava a quase trinta minutos de caminhada da Admiral Grove, 10, e tinha o propósito – conforme estabelecido pelo sistema ginásial da Grã-Bretanha na década anterior – de preparar alunos com menos habilidades acadêmicas para a vida na força de trabalho. “Para você ser engenheiro ou marceneiro, se tivesse sorte”, explicou Ringo.<sup>28</sup>

A frequência de Richy na Dingle Vale não era muito melhor do que tinha sido na St. Silas, e suas faltas eram notáveis; em certo ponto, ele havia perdido 34 dias de aula em apenas meio ano. Recebeu, porém, uma nota “A” por pontualidade (então, pelo menos, chegava na hora quando aparecia). Também tirou “A” em “aparência geral” e “postura”, mas “D” em aritmética e inglês. Deu-se muito melhor na aula de teatro. “Interessa-se muito e foi muito bem”, anotou a professora da Dingle Vale no boletim de Richy, ao lado da nota “A”.

A longa caminhada da Admiral até a Dingle Vale teria repercussões de outro tipo, já que o caminho levava Richy a passar por uma loja de música na Park Road. Exceto por bater em um tom-tom para tentar pegar coelhos com Dave Patterson – e ouvir as músicas de *big band* com Harry –, Richy mostrava pouco interesse em música no início da adolescência. Ele tinha assistido ao lendário baterista de jazz Gene Krupa no cinema e se tornado fã, mas não correu para comprar os discos. Seus avôs tocavam bandolim e banjo, mas as únicas experiências de Richy com a música tinham sido “Nobody’s Child” para Elsie, o esperado número da festa de sábado (“Little Drummer Boy” era a música de Elsie).

Entretanto, cada vez que ele passava por aquela loja, algo lhe chamava a atenção. Ele era atraído pelos instrumentos na vitrine – violões, banjos, acordeões –, em particular por um tom-tom que ele simplesmente tinha que ter. Mas, a 26 libras, ele custava uma pequena fortuna.

Nessa época, Elsie já namorava com Harry há dois anos, e a relação ficou séria quando ele a pediu em casamento. Richy o amava genuinamente, mas não gostou de ter outra pessoa roubando a atenção de sua mãe. Como filho único, ele estava acostumado a ser o centro

das atenções. Um padrasto poderia arruinar a dinâmica familiar dos Starkey. Ele reagiu de forma previsível quando Elsie deu a notícia e perguntou o que Richy achava da proposta de Harry. Ficou bravo, mas sabia que, caso se opusesse ao casamento, Elsie não casaria. Era um dilema difícil para um garoto de 13 anos, mas Richy queria que sua mãe fosse feliz, e gostava de Harry. O casamento estava de pé.

A versão de Elsie é ligeiramente diferente. “Eu contei pro Richy que o Harry queria casar comigo. Se ele dissesse não, eu não teria aceitado”, falou ela. “Mas ele disse: ‘Pode casar, mãe. Eu não vou ser pequeno pra sempre. Você não pode acabar igual a minha vó.’”<sup>29</sup> Harry e Elsie se casaram em 17 de abril de 1953, e Harry se mudou para a casa da Admiral Grove, 10. O casamento significava que Elsie não precisaria mais trabalhar, já que a renda do emprego de Harry em Burtonwood era suficiente para sustentar os dois. Ela poderia finalmente relaxar.

Mas não durante muito tempo.

Logo após completar 13 anos, Ricky foi hospitalizado de novo. A maioria dos relatos sobre a vida de Ringo Starr creditam essa internação a uma pleurisia, inflamação da membrana que reveste os pulmões. O próprio Ringo disse que tudo começou com uma pleurisia e “virou uma tuberculose. Liverpool era um terreno fértil para tuberculose”. Marie Maguire, amiga da família, que tinha ensinado Richy a ler vários anos antes, lembra-se de forma mais dura do incidente. “Richy contraiu tuberculose, o que, claro, era sério”, contou ela ao historiador dos Beatles, David Bedford. “Na época, havia um terrível estigma ligado a ter tuberculose, então a família disse que era pleurisia.”<sup>30</sup> Independentemente do que fosse, era um risco sério que podia ser potencialmente fatal. Richy foi levado primeiro para o hospital pediátrico Myrtle Street – local de sua internação prévia seis anos antes – e passou dez semanas se recuperando. “Havia varandas, então, quando o dia estava bonito, eles me deixavam sair da cama em cadeira de rodas para tomar um ar e ver a rua – era uma novidade e tanto”, disse ele.<sup>31</sup> Dave Patterson também se lembra da varanda. “Eles costumavam levá-lo até a varanda para tomar ar fresco e a gente ia até lá acenar para ele, sabe, a gangue toda de crianças”, contou.<sup>32</sup>

Depois de dez semanas no Myrtle Street, Richy foi transferido para o hospital pediátrico Heswall, localizado em Wirral, a cerca de 20 minutos de carro do centro de Liverpool. Ele passaria os dois anos seguintes lá, e nunca mais voltaria à escola.

Contudo, também foi em Heswall que Richy Starkey descobriu a bateria.

